

O Alquimista

História e Memória da EEL

Lorena, v.1, n2, jan-abril, 2011

EEL-USP

Escola de Engenharia de Lorena

*Um pouco de saudade:
o início da pesquisa*

- o Lorena e as palmeiras imperiais
- o Um olhar para o futuro:
plano de obras
- o Entrevista com o Rocha:
um dos fundadores da FAMENQUIL
- o As lojas maçônicas de Lorena.



Informações básicas

“**O Alquimista: história e memória da EEL**” é uma revista publicada pela Escola de Engenharia de Lorena, com periodicidade quadrimestral. Seu principal objetivo é resgatar e divulgar a memória histórica, científica e acadêmica da Instituição.

Está aberta a contribuições de profissionais, pesquisadores, funcionários e estudantes que queiram apresentar trabalhos no escopo da revista.

Copyright

A publicação do trabalho implica a cessão integral dos direitos exclusivos de reprodução dos textos à **Revista “O Alquimista: história e memória da EEL”**

Proibida a reprodução comercial, mesmo que parcial, sem a devida autorização do Editor.

Corpo editorial

Editor: Prof. Francisco Soderro Toledo

Comissão editorial

Prof. Antonio Carlos França

Prof. Carlos Roberto de Oliveira Almeida

Prof. Francisco Soderro Toledo

Sra. Regina Célia Elias França Horta

Sra. Simone Colombo Lopes

Produção Editorial

Bruno Vinicius Marton – webmaster (assistente de edição, composição e arte final)

Arte Final

Simone Colombo Lopes

Apresentação

Iniciamos o fascículo nº 2 do Alquimista dando continuidade ao resgate da história da Escola, onde o Cap José Ferreira Rocha, um dos fundadores da FAMENQUIL, hoje EEL, relata, sob sua ótica, pontos interessantes de como nasceu, quem participou, como eram os cursos e outras peculiaridades daquele período da Faculdade. Seguindo na mesma linha o Prof. Carlos Roberto de Oliveira Almeida descreve seu encontro, em 1993, com o Coronel Teixeira Leite, fundador da Faculdade. Foi deste encontro que o professor da EEL retornou com muitas histórias e vários documentos importantes para a memória documentária da Instituição. Avançando um pouco mais no tempo, o prof. Alexandre Visconti traça um retrato dos momentos que antecederam a Estadualização da FAENQUIL.

Como uma singela despedida são apresentadas 12 fotos da Usina de Álcool, sendo que 6 registram o início da construção da usina e outras 6 mostram seu desmonte.

“Tudo que é bom ,dura o tempo suficiente para se tornar inesquecível”. A velha usina sai de cena para dar lugar aos modernos laboratórios didáticos da EEL.

Um novo ciclo se inicia .

Olhando para o futuro, o diretor da EEL fala sobre as transformações que a Escola está passando e mostra as propostas para as obras que serão realizadas nos dois *campi*. Uma ressalva para sua frase em seu texto “Poder sonhar já é uma benção, e melhor ainda é poder trabalhar pelos seus sonhos.”

Com o artigo “A Maçonaria e seus sobrinhos” encontramos a marca dos maçons na área educacional, registrando a solidariedade das lojas maçônicas de Lorena com os alunos da EEL e demais faculdades da região.

Na seção “Conheça a Cidade de Lorena” o Prof. Francisco Sodero Toledo nos apresenta uma artigo sobre a origem das tradicionais palmeiras imperiais de Lorena.

Boa leitura!

Comissão de História e Memória da EEL

Sumário

v.1. n2. Jan-abril. 2011

1- Lembranças do início.....	06
2 - A história de uma carta.....	09
3 - Por dentro da História: <i>A estadualização da FAENQUIL</i>	11
4 - Memória Fotográfica: <i>Despedida da velha usina de álcool...</i>	14
5 -Um olhar para o futuro: <i>Nossa escola se transforma</i>	16
6 - A maçonaria e seus sobrinhos.....	19
7 - Conheça Lorena : <i>As palmeiras imperiais</i>	20

LEMBRANÇAS DO INÍCIO

Com a finalidade de preservar a memória histórica de nossa querida FAENQUIL, hoje um campus da USP na cidade de Lorena, entrevistamos O Capitão José Ferreira Rocha, em cearense lutador e vencedor, oficial formado pela AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras, graduado em Engenharia Química pelo IME – Instituto Militar de Engenharia. Foi funcionário durante muitos anos da FPV – Fábrica Presidente Vargas e que teve uma participação muito importante na criação da FAENQUIL, na qual foi docente e pesquisador. É mestre em Engenharia Mecânica pela EFEI – Escola Federal de Engenharia de Itajubá, tendo também participado de inúmeros congressos no Brasil e no exterior, além de ter sido um empresário bem sucedido.

HM - Como nasceu a ideia da Faculdade?

CAP ROCHA - Logo que chegou à FPV, o Maj. Luiz Sylvio Teixeira Leite me procurou para com ele criarmos um curso pré-vestibular em Lorena. Vim com ele a Lorena e, juntamente com o Cel. Claudino Ferreira de Barros, fomos à residência do Sr. José Geraldo Alves, conhecido na intimidade por Geraldinho, Vice Prefeito de Lorena, na administração do Sr. Cornélio de Azevedo Nunes. Na ocasião, o Geraldinho nos perguntou por que não criarmos em Lorena uma Faculdade de Engenharia Química, em vez de Curso Pré-Vestibular. Foi o nascimento da idéia. Voltamos à FPV e pensamos no ousado projeto e trouxemos para área jurídica o Advogado Benedito Olegário R. Nogueira de Sá, ex-Diretor da Faculdade de Direito de Taubaté e experiente no assunto junto ao Conselho Estadual de Educação. A idéia para viabilização foi criar uma Autarquia Municipal, surgindo a FAMENQUIL – Faculdade Municipal de Engenharia Química de Lorena. Ao mesmo tempo, obtivemos o inestimável apoio do Diretor da FPV, General José Alves Martins, que muito ajudou a Comissão de Planejamento da Faculdade na esfera federal

HM - Quem participou da criação da Faculdade. Por quê?

CAP ROCHA - Como pode ser visto no item anterior, os três atores principais foram: Luiz Sylvio Teixeira Leite, José Ferreira Rocha e Claudino Ferreira de Barros, além do Dr.

Olegário, Prefeito, Vice-Prefeito e Vereadores de Lorena e do General José Alves Martins, estes participando com o apoio devido e necessário. Os membros diretos da Comissão Especial de Planejamento e Implantação da FAMENQUIL, tinham as seguintes atribuições: -Teixeira Leite: Coordenação das atividades do Projeto e relacionamento externo. -Cap Rocha: Planejamento Curricular, ou seja, elaboração do Currículo, dentro dos objetivos estabelecidos pelo Ministério da Educação.

-Claudino: Atividades de natureza administrativa.



Recorte de Jornal. Inauguração da FAMENQUIL

HM - Por que foram criados os três cursos e o regime trimestral?

CAP ROCHA - Os três cursos e o regime trimestral foram devidos a imposição do MEC, que dava à Faculdade em criação um caráter experimental, dentro da ideia reinante da época, de se implantar no País o ensino tecnológico, a exemplo do que existia nos Estados Unidos e Europa.

Abraçamos este conceito e trabalhamos no sentido de montar um currículo que atendesse o que ora estava sendo preconizado pelo Ministro da Educação, Jarbas Passarinho, se bem me recordo.

HM - Por que a FAMENQUIL passou a FAENQUIL?

CAP ROCHA - Como já foi dito, os Poderes Públicos de Lorena, para poder dispor dos recursos existentes com fim específico de uso na educação superior, criaram uma Autarquia Municipal, a FAMENQUIL, que posteriormente passou a se denominar FAENQUIL, com a criação da Fundação Centro Vale de Ensino e Pesquisa Química Industrial, iniciando a desvinculação do Município e se voltando mais para a área federal, desenvolvendo Projetos de interesse do Ministério da Indústria e Comércio, tais como produção de oxigênio, plásticos, destilados retificados, etc

HM - E por que passou a ser a Fundação de Tecnologia Industrial?

CAP ROCHA - Posteriormente, com a implantação de Projeto também de interesse do governo federal, na área de materiais (nióbio) e biotecnologia, foi criada a FTI - Fundação de Tecnologia Industrial, da qual fazia parte a

FAENQUIL, a quem cabia a parte de ensino acadêmico.

HM - Como se sentiu lecionando na FAENQUIL?

CAP ROCHA - Logicamente, sempre foi algo muito gratificante, primeiramente criar uma faculdade, partindo do nada e ver esta criação se tornar realidade e em segundo lugar, ter oportunidade de ensinar, transmitir conhecimento e dar vida àquilo que ajudei a criar, pois isto era a materialização do meu segundo compromisso com a educação, contribuir para a formação das gerações mais novas. O mais importante mesmo era a convicção de que podia me considerar útil à sociedade e ao meu País em área tão nobre.

HM - Quanto tempo esteve na FAENQUIL e por que saiu?

CAP ROCHA - Na verdade eu saí três vezes da Instituição. A primeira, foi da então FAMENQUIL, da qual fui Vice-Diretor, por incompatibilidade com o estilo gerencial do Teixeira Leite. Posteriormente, retornei como Professor, a convite do então Comandante do 5º Batalhão de Infantaria de Lorena, Cel. Luiz Paulo Fernandes de Almeida, que me chamou à sua casa especificamente para pedir a minha volta à Faculdade, assim como igualmente o



Da esquerda para direita: Carlos Eduardo V. Camargo, Carlos A. Baldan, Arthur Ballerini, Carlos Roberto De O. Almeida, Francisco de Assis, o ex-prefeito Cornélio de Azevedo Nunes (Cornelinho) Humberto Ballerini, Daltro Garcia Pinatti e Capitão José Ferreira Rocha.

Comemorações dos 20 anos da FAENQUIL.
Foto: Acervo Memória

fez o Prefeito Carlos Eugênio Marcondes e o próprio interventor na Faculdade, o Professor Rojas, que substituiu o deposto Prof. Teixeira Leite. Permaneci um bom tempo, com o mesmo entusiasmo do início, deixando a Instituição pela segunda vez, em função do meu ingresso na Avibras Aeroespacial, em São José dos Campos e a decorrente incompatibilidade de horários.

Com a minha saída da Avibras, onde estava na Gerência da Fábrica 3, também implantada por mim em Lorena, retornei à FTI, onde permaneci até a implantação da minha empresa própria, voltada para o desmonte de rochas na indústria de mineração e construção pesada, com novo e atrativo explosivo não convencional, as Emulsões Explosivas. As atividades nesta empresa, todas fora de Lorena, me impossibilitaram de continuar lecionando na Faculdade, motivo do meu terceiro afastamento.

HM – Qual o papel da Prefeitura de Lorena na implantação da FAMENQUIL?

CAP ROCHA -A Prefeitura muito ajudou na implantação e nos anos iniciais de funcionamento da Faculdade, seja com recursos financeiros, custeando um Curso Preparatório para o primeiro vestibular (este Curso funcionou no Colégio Patrocínio São José), seja cedendo prédio para instalação, onde hoje funciona parte da Prefeitura, na Rua Capitão Messias. Deve-se registrar também o apoio da Câmara Municipal, aprovando o que era proposto pelo Prefeito.

HM – Qual o Papel do Coronel Claudino na criação da Faculdade?

CAPROCHA - O Cel. Claudino teve papel muito importante no Projeto, principalmente na parte administrativa. Trabalhou com afinco e extrema dedicação. Como eu, ele também discordou dos rumos administrativos do Teixeira Leite e afastou-se da Faculdade, logo após a sua inauguração, só retornando com a vinda do Professor Rojas, a convite deste.

HM - E do General Martins, Diretor da FPV?

CAP ROCHA - Como já disse anteriormente, o papel do Gen. Martins foi fundamental para o êxito do Projeto FAMENQUIL. Entre as diversas ações concretas de apoio ao nosso trabalho, nos ajudando a resolver todas as dificuldades operacionais, tanto na área militar quanto civil. Um apoio importantíssimo, sem a qual, talvez a FAENQUIL se inviabilizaria.

HM – Por que Teixeira Leite saiu repentinamente da Direção da FAENQUIL?

CAP ROCHA - Eu estava fora da Instituição, portanto não saberia dizer o que ocorria e o que provocou a saída do Teixeira Leite. Só sei é que a situação parecia grave, pois envolvia diversos segmentos contrários ao estado de coisas reinante. Assim é que fui chamado pelo Prefeito Municipal, Carlos Marcondes, que se fazia acompanhar do Promotor Público de Lorena, Dr. Alberto Antonio Zvirblis, para me consultar sobre a possibilidade de voltar para a Faculdade que ajudei a criar. O fato é que, de repente, o Teixeira Leite sai e assume o Prof. Rojas, vindo da Universidade de Vassouras. Foi aí que retornei à Faculdade, mas sem me preocupar com o que teria ocorrido..

HM – Tem alguma consideração final a fazer?

CAP ROCHA - Fui informado pelo Prof. Carlos Roberto de Oliveira Almeida, de que a EEL - Escola de Engenharia de Lorena, dobrará o número de alunos em 5 anos, de que o Colégio Técnico é um dos melhores do País e, finalmente, que Lorena e a Região irão se desenvolver muito em função da criação de um Pólo Tecnológico, tendo a EEL como principal centro desse crescimento. Isto é muito gratificante e me traz uma satisfação imensa, ao saber que algo que ajudei a implantar esteja trazendo tantos benefícios para a Região e para o País. Sinto uma alegria incontida, na certeza de ter sido útil a esta terra que me acolheu.

A história de uma carta...

Em carta enviada ao Prof. Carlos, Cel Teixeira Leite desculpa-se por nunca mais retornar a Escola que criou

Por Carlos Alberto de Oliveira Almeida



A Faculdade de Engenharia Química de Lorena – FAENQUIL, inicialmente chamada de FAMENQUIL, porque era uma autarquia municipal, nasceu entre os anos de 1969/1970, por iniciativa de um coronel da Fábrica Presidente Vargas – IMBEL - chamado **Luiz Sylvio Teixeira Leite**, um idealista dinâmico e corajoso, que com o auxílio de outras pessoas igualmente importantes nesse processo, tais como o **Tenente Coronel Claudino Pereira de Barros**, (que infelizmente faleceu em março de 2010), **Capitão José Ferreira Rocha** e **General Martins**, foram os pilares sobre os quais nossa querida FAENQUIL nasceu, cresceu, floresceu e deu belíssimos frutos.

A meu ver, essas pessoas foram as que tornaram realidade e deram vida à nossa instituição, que hoje é um Campus da Universidade de São Paulo – USP, em Lorena, denominado “Escola de Engenharia de Lorena – EEL”.

Tenho a certeza de que, em médio prazo, novos cursos virão para o campus de Lorena, novas indústrias aqui se instalação, trazendo progresso para nossa cidade e todo o Vale do Paraíba. Creio nisso!

Por motivos que até hoje não compreendo muito bem, o Coronel Teixeira Leite, como era mais conhecido, deixou a direção da escola que havia criado, e não mais retornou à

Lorena.

Muito bem, vamos voltar ao ano de 1993. Tenho um irmão, de nome Júlio, que morava em Macaé e trabalhava na Petrobrás, nessa cidade ele estava fazendo algumas compras numa mercearia, onde se encontravam algumas pessoas conversando, quando ouviu essas palavras: “Eu fundei uma faculdade de engenharia química em Lorena, uma cidade do Vale do Paraíba, de onde fui tirado por meios não convencionais e desde então vim morar aqui em Macaé. Saí de lá muito frustrado, ofendido mesmo, pois apesar de todo meu esforço para a criação dessa instituição, fui sumariamente demitido. Pois é, hoje estou aqui nessa cidade, com o desejo de escrever toda a história desses acontecimentos e não tenho condições de comprar um computador para isso”.

Meu irmão saiu preocupado dessa mercearia e em seguida me telefonou, pois nessa época eu era diretor da FAENQUIL, me contando o que tinha ouvido. Então eu lhe pedi que procurasse saber o nome dessa pessoa e seu endereço.

Duas semanas depois, o Júlio me telefonou, dizendo que o senhor se chamava Luiz Sylvio Teixeira Leite e que morava na Avenida Atlântica, 1106, praia dos Cavaleiros, em Macaé. E foi dessa maneira que telefonei para esse coronel, me apresentando e pedindo que me recebesse em sua casa, sendo muito bem atendido e, em seguida, marquei a data para ir visitá-lo.

Uns dez dias depois, fui para Macaé, sendo que depois de quase cinco horas de viagem, fui recebido pelo coronel, com muita alegria e educação. Antes de ir, atribui seu nome para nossa biblioteca principal, como uma forma singela de homenageá-lo. Convidei-o para ir “conhecer” a instituição que ele tinha criado, pois ela tinha crescido muito, e que seria uma alegria para toda comunidade conhecer seu fundador. Conversamos muito, mas apesar de todos os argumentos que usei, não aceitou meu convite, sempre de uma

maneira gentil. Em seguida, entregou-me todos os documentos que tinha levado, quando de sua saída ocorrida de um modo muito desagradável, nos despedimos e voltei para Lorena.

No ano seguinte, em 1994, uma turma de formandos o escolheu como paraninfo e, por esse motivo, voltei a Macaé, para convidá-lo pessoalmente. Mas, novamente e com educação recusou o convite e assim nos despedimos. Mais ou menos um mês depois, voltei a Macaé para convidá-lo para vir a Lorena, onde iria ser homenageado nas comemorações das “bodas de prata” da FAENQUIL. Infelizmente não aceitou o convite.

Graças à coragem e competência do Coronel Teixeira Leite e do grupo que lhe deu sustentação técnica, administrativa e pedagógica, a nossa querida FAENQUIL cresceu em quantidade e qualidade, mantendo hoje quatro cursos de engenharia, cursos de mestrado e doutorado em áreas estratégicas para

o Brasil, com convênios assinados com instituições nacionais e de outros países, além de um Colégio Técnico de Química reconhecido nacionalmente pela qualidade de ensino que ministra, sendo uma das primeiras escolas técnicas que, em 2009, recebeu o Selo da Qualidade do Conselho Regional de Química - CRQ.

Nossa escola, hoje um campus da USP em Lorena, atualmente denominada Escola de Engenharia de Lorena – EEL é um orgulho para nossa cidade e para todo o Brasil. Durante os sete anos que fui diretor da FAENQUIL, tentei quase uma dezena de vezes trazer o Coronel Teixeira Leite à Lorena, para que pudéssemos homenageá-lo da maneira que ele merecia. Não consegui. Infelizmente, no ano de 2007 ele veio a falecer, sem que pudéssemos render-lhe as devidas homenagens.

Macaé, 17 de abril de 1994

Sr. Diretor,

Mais uma vez fiquei sensibilizado pela sua visita à nossa casa, deixando-me numa situação de desconforto por não saber redirecionar sua atenção para comigo.

Há alguns anos respondi a um dos seus inúmeros convites com uma longa carta na qual expliquei os motivos pelos quais eu não devia voltar à Lorena. Hoje, aqueles motivos já não existem: a FAENQUIL não mais está em mãos desomadas e encontra-se em franco progresso.

Há quinze anos abandonei a vida pública e por convicção filosófica decidi não mais comparecer a quaisquer cerimônias incluindo casamentos, batizados e aniversários de parentes e amigos. Os Comerciantes do Forde, sediada aqui em Macaé, sabem disso e me dispensam das festividades.

Assim, meu caro Professor, incômodo, por mais uma vez, em não atender um honroso convite seu, e desde a reunião da Congregação de Professores, que me deu muito adegro, venho pedindo que me desculpem por não comparecer às cerimônias de comemoração do 25º aniversário da criação da FAENQUIL.

Sua visita à Macaé me proporcionaram de adegro e creio que podem ter sido de uma boa amizade entre nós. Em toda vez que porventura vier visitar eu ir mão, não deixe de nos visitar.

Esperando que a doença de seu filho tome um rumo benigno despeço-me com um afetuoso abraço

O seu filho

P.S. Por favor, transmita à Congregação de Professores as minhas sinceras desculpas por não poder comparecer às festividades comemorativas do 25º aniversário da criação da FAENQUIL.

O seu filho

Trecho do livro:

Almeida, Carlos Roberto de Oliveira. **Lembranças**

Lorena, 2010

Por dentro da história...

Prof. Alexandre Visconti traça um retrato dos momentos que antecederam a Estadualização da FAENQUIL

Alexandre Visconti era funcionário da Fundação Centro Vale de Pesquisas Químicas e Industriais (FCVPQI) desde 1976, que logo depois, em 1978, se transformou na FTI-Rio. Em 1983, foi transferido para Lorena para dar suporte ao funcionamento das novas usinas de álcool da FTI. Em 1990, foi eleito oficialmente, mediante votação nos dois campi, como representante geral dos empregados da FTI-Lorena junto à Diretoria. As verbas para o pró-álcool, principal base de sustentação dos projetos da Instituição, escasseavam cada vez mais. Houve uma aproximação do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas e Farmacêuticas de Lorena para se obter representação oficial, legal, nas reivindicações da FTI-Lorena, na época, dividida e descrente, tanto é que alguns já estavam sendo demitidos e outros desistindo da FTI, pois parte da casa achava mesmo que era o fim da Instituição.

Hoje, quase 20 anos se passaram e os funcionários da casa ainda vivem momentos de apreensão em relação ao futuro profissional. Em carta enviada aos companheiros de seu departamento o Prof. Alexandre lembra de momentos parecidos vividos pela Instituição. Eram outros tempos aqueles.

“... Lembro-me de importante e tumultuada reunião em que um dos Diretores de um dos campi chegou a afirmar categoricamente que nós não iríamos conseguir estadualizar a FTI, nosso objetivo final, pois a filosofia do Governo Federal era, exatamente, de fazer o contrário, no que ele até tinha absoluta razão: a orientação fechada do então Presidente da República Fernando Collor de Melo era de federalizar tudo.

Nesse turbilhão de acontecimentos negativos, que se agravava dia a dia, e evidentemente, que a casa não tinha a mínima condição de se unir e se organizar para conseguir o que quer que seja e, nessa ocasião, o campus II, num ato simbólico de ruptura e independência, resolveu eleger, extra oficialmente, o seu próprio representante dos empregados para lutar pelo que eles acreditavam, já que os seus anseios não se coadunavam com o resto da casa. O funcionário eleito foi o funcionário Bento Ferreira, que todos conhecem. Acontece, que o tiro saiu pela culatra, pois o Bento não se alinhava exatamente com o pensamento de parte dos funcionários do campus II e, por isso, além de não batermos de frente, pelo contrário, nos tornamos bons amigos (até hoje) e começamos a lutar juntos pelo que acreditávamos - a estadualização da FAENQUIL, não importando o modo.

Conseguimos, finalmente, o apoio do Sindicato de Lorena e ainda conseguimos nos alinhar com o Partido dos Trabalhadores de Lorena, PT, onde fomos buscar apoio político, o que desagradou ainda mais o outro lado, que queria que a passagem para o Estado, se ocorresse, fosse feita apenas pelos méritos científicos e tecnológicos da casa, um purismo incompreensível naquela altura dos acontecimentos.

Na época, a coisa endureceu tanto que, numa ocasião, cheguei até a ser admoestado veementemente em público, num supermercado, por um funcionário, dedo em riste, como se eu estivesse fazendo algo abjeto, abominável. Em outras ocasiões, tive que discutir com outros funcionários, em tom irônico ou debochado, tudo isso, para vocês sentirem bem como estava o clima naquela época, muito acirrado, nervoso, pois havia a iminência real ou a sombra de um fechamento definitivo da Instituição.



Finalmente, a situação piorou de tal forma que chegamos a ficar dois

meses e meio sem receber os proventos, ou seja, havíamos chegado ao fundo do poço, como se diz, e alguns empregados continuavam a ser demitidos e outros a pedirem as suas contas (hoje, sabemos que a maioria se arrependeu amargamente e felizmente, alguns conseguiram voltar).

Lembro que, para sobreviver, tive que vender minha moto, uma CG-124, e felizmente, minha esposa ainda trabalhava na Haironville de Lorena, o que salvou a pátria lá em casa.

As reuniões eram muito exaltadas e finalmente, ficamos sabendo de uma ordem do ex Diretor Geral de toda a FTI para que os escritórios regionais do Rio, BH e Brasília e os campi de Lorena fossem sendo fechados, pois logo não haveria mais verbas. Decidimos, então, em assembléia geral, permanecer e resistir até o fim, pois sabíamos naquela altura que, se abandonássemos o barco e os portões fossem fechados, estes não mais reabririam. Resolvemos também reagir, contra-atacar, ao invés de permanecermos à mercê da situação e ao final daqueles dois meses e meio sem os salários, decidimos dar um ultimato ao nosso Diretor Técnico, na época, o Prof. Felipe Aquino, e a partir de uma assembléia realizada no dia 06 de março de 1991, decidimos que entraríamos em greve geral sem abandonar os campi, paralisação total, inclusive da Faculdade, que era particular, portanto, paga pelos alunos.

Em função disso, no dia 15 de março de 1991, foi realizada uma nova assembléia geral para firmar um Acordo Coletivo de Trabalho entre empregados e a diretoria, cuja minuta possuo e cuja cópia, se encontra arquivada junto à documentação histórica da EEL.

Neste acordo, que foi fundamental para a FTI, ficaram acordados entre os empregados e os Diretores Técnico e Administrativo da FTI os seguintes termos:

- A)** Apesar do atraso do pagamento acima referido, (janeiro e fevereiro de 1991), os trabalhadores não mais entrarão em greve.
- B)** A diretoria da FTI se compromete a efetuar o pagamento integral do mês de janeiro e parte do mês de fevereiro até o dia 15 de março de 1991, devendo pagar o restante de fevereiro até o final do mês de março (por isso ficamos mais de dois meses sem salários).
- C)** A diretoria da FTI garantirá para todos os empregados constantes da folha de pagamento do mês de março de 1991, estabilidade funcional a contar da data da assinatura

deste acordo até a publicação em Diário Oficial da Estadualização da Fundação de Tecnologia Industrial pela Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (já havia algumas gestões nesse sentido).

D) A FTI autorizará, após a assembléia de aprovação deste documento pelos trabalhadores, o livre acesso ao Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas e Farmacêuticas de Lorena e Piquete (S.T.I.Q.F.L.P.), às suas dependências para registro dos empregados da FTI no quadro de sócios desde mesmo sindicato.

E) A assembléia será realizada no dia 15 de março de 1991, e sua ata assim como o registro de presença dos empregados da FTI comprovando a aceitação deste acordo, farão parte do presente documento, que terá validade à partir desta data e segue assinado em três (3) vias. Lorena, 15 de março de 1991. Assinaram o acordo: Felipe R.Q. de Aquino; então

Diretor Técnico da FTI; eu, Alexandre E. S. Visconti que era o Representante dos trabalhadores da Instituição; o Senhor Sergio Ballerini que era Diretor de Administração da FTI e o Senhor Miguel Marcondes na época Presidente do S.T.I.Q.F.L.P.



Guararema, 1991: Na ocasião da inauguração da Rodovia Carvalho Pinto, foi organizada uma passeata com 400 pessoas onde funcionários e alunos da FAENQUIL se uniram para protestar e pressionar o Governador da época a estadualizar a Instituição.

Gostaria de destacar o seguinte:

- Em média, mais de 95% dos funcionários da casa que participaram das assembléias que realizei em minha gestão como representante dos trabalhadores, inclusive, esta última mais importante, da efetivação do acordo coletivo de trabalho, eram de técnicos e técnicos administrativos.

- O funcionário Bento,

por motivos que ignoro até hoje, mas, imagino, pois ainda havia forte ala dissidente, não pode comparecer à assembléia e por isso, não assinou também o acordo.

- A partir desse memorável acordo, os empregados, estando com o emprego e os salários garantidos até a estadualização ou não da FTI, se uniram cada vez mais em prol do grande objetivo comum: se organizaram em caravanas de ônibus até os políticos e junto à Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, conseguindo, finalmente, no segundo semestre do mesmo ano, que a FTI fosse estadualizada politicamente e contra toda a corrente Federal ou mesmo, interna da casa.

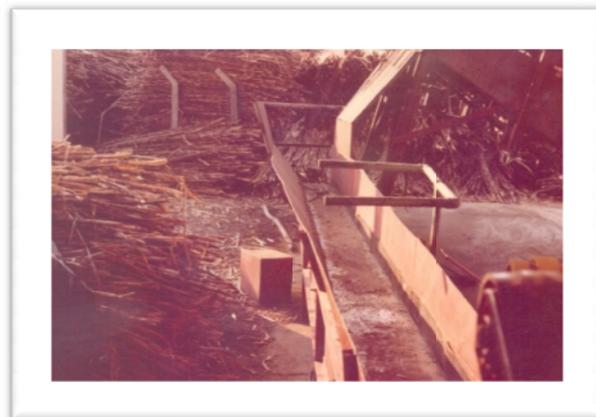
- A Faculdade passou a ser gratuita, o que atraiu cada vez mais alunos e viabilizou cada vez mais as pesquisas e o polo de Lorena, a ponto de ser finalmente almejado pela grande USP... “

Alexandre E. S. Visconti – 12 de março de 2011

Memória Fotográfica



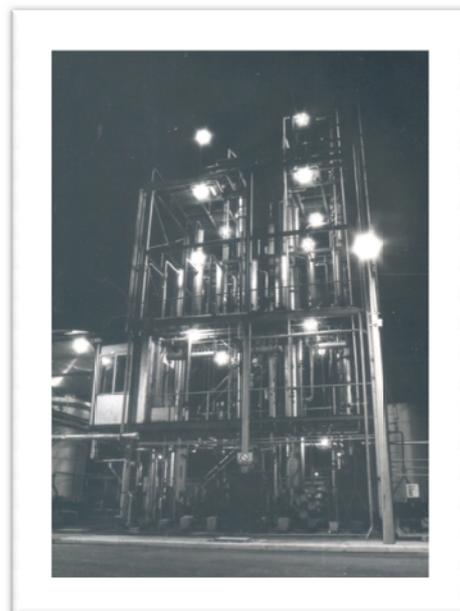
Sistema de moagem de cana de açúcar da usina de álcool. Capacidade de produção: 5 mil litros.



Detalhe da moagem de cana



Destilaria: Capacidade de produção: 5 mil litros



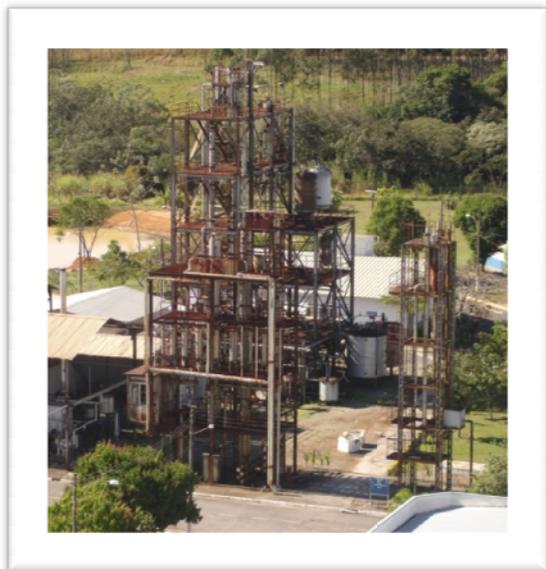
Vista noturna da Destilaria



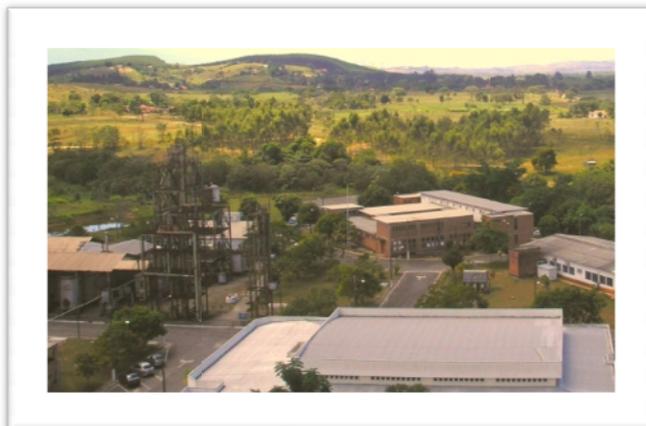
Vista panorâmica da usina. Ao fundo o prédio do Departamento de Biotecnologia. (1980)



1. Usina de álcool: 2mil litros.
2. Evaporador de múltiplo efeito.



Usina de álcool e evaporador de múltiplo efeito



Vista panorâmica da usina. Ao fundo o prédio do Departamento de Biotecologia. (2005)



Tanques de fermentação das usinas sendo desmontados



1. Usina
2. Supramil p/ tratamento enzimático



Momentos finais da usina (2010)



O recomeço: início das construções do prédio dos novos laboratórios didáticos da EEL (2011)

Um olhar para o futuro:

Nossa Escola se transforma

Por Nei Fernandes de Oliveira Júnior
Diretor da EEL

Começam a ficar visíveis os primeiros sinais da profunda transformação pela qual deverá passar nossa Escola nos próximos anos. Estaremos nos tornando um Pólo de Engenharia, ou seja, uma grande escola de engenharia, com ênfase em pós-graduação e pesquisa. Planeja-se uma expansão que deverá dobrar nossas vagas de engenharia, e conseqüentemente dobrar nossos alunos e toda a escola.

Os primeiros passos já foram dados. Instituímos o Ciclo Básico, e já temos uma primeira proposta tramitando na USP. Propusemos uma reforma do curso de Engenharia Química, que o torna o maior do Brasil, com 80 vagas no diurno e 80 vagas no noturno, estas últimas substituindo o curso de Engenharia Industrial Química que será descontinuado. Três cursos novos também foram propostos, adicionando 120 novas vagas: - 40 para o curso de Engenharia Ambiental (diurno); - 40 para o curso de Engenharia Física (também diurno); - e 40 para o curso de Engenharia de Produção (este noturno). Estes três cursos correspondem a anseios de expansão, antigos da casa, e já haviam sido objeto de estudos desde a FAENQUIL. Prepara-se, ainda para este ano, proposta para um curso de Engenharia Mecânica. Outras modalidades estão em estudo.

Na infra-estrutura, obras já são visíveis. Reformas e novos prédios começam a aparecer. Um amplo programa de construções nos *campi* está em projeto, e ainda este ano estaremos vendo obras de aterro e preparação de terreno. O ano que vem deverá ser marcado por uma série de obras importantes.

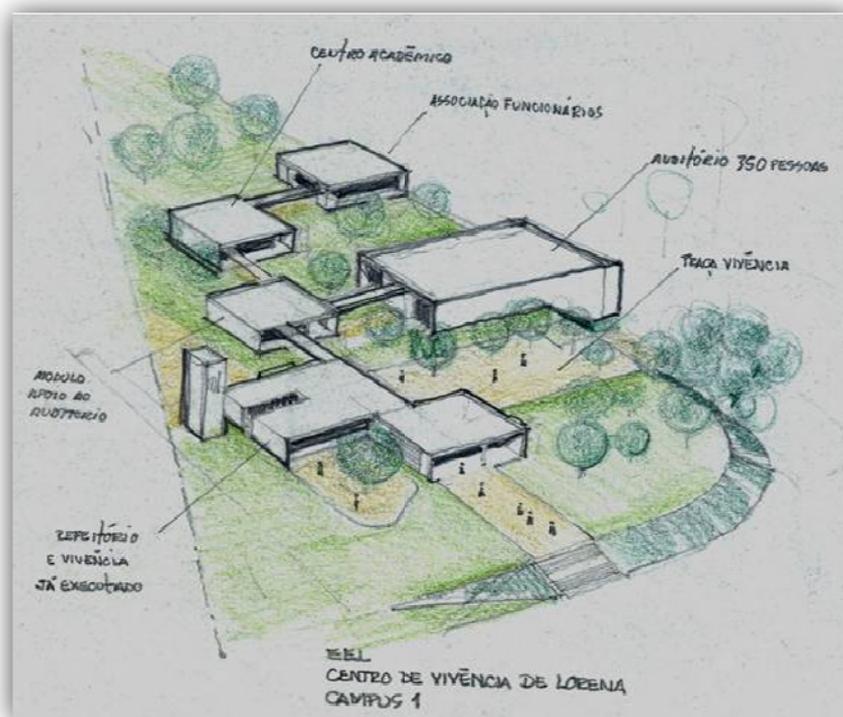
No tocante a pessoal, a

Assembléia Legislativa está prestes a votar a criação de 142 novos cargos docentes para a EEL. Tramita no Governo do Estado a passagem do quadro de pessoal da antiga FAENQUIL para a administração da USP.

A nova EEL terá a FAENQUIL como germe e, com certeza, corresponderá aos sonhos daqueles que construíram este lugar. Daqui estão saindo as propostas, geradas por nós. A pós-graduação e a pesquisa terá nossos programas e nossos grupos como nucleadores. Boa parte do pessoal novo irá se juntar a estes grupos e programas, e encontrará já lideranças formadas que darão estabilidade ao seu desenvolvimento.

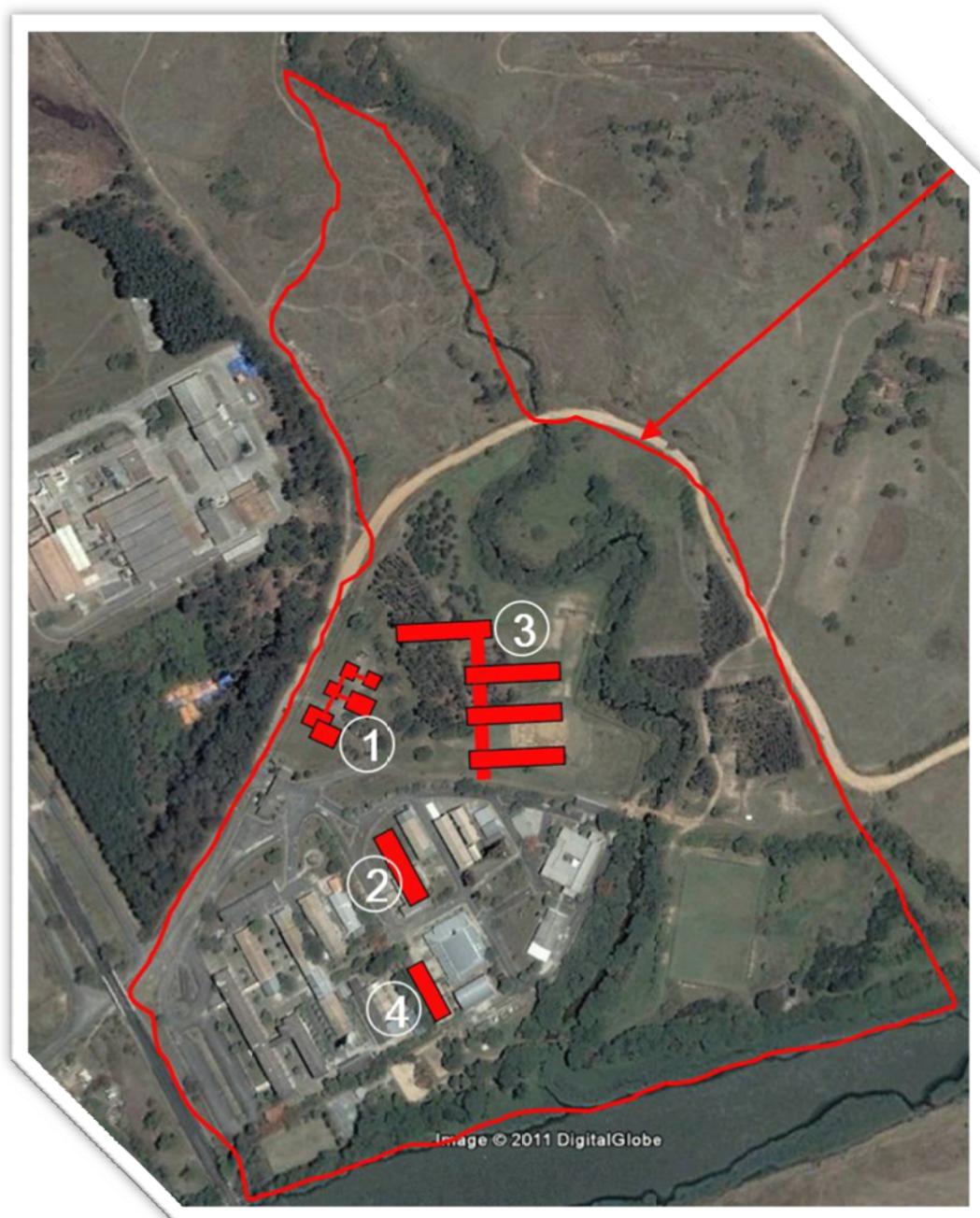
Por outro lado, se junto com a graduação expandirá a pós-graduação e a pesquisa, o Colégio Técnico, o nosso COTEL, deverá expandir também. Com certeza acompanhará o crescimento da EEL. Minha visão de futuro, é a de uma grande escola englobando os níveis técnico, graduado e pós-graduado, possivelmente incluindo na graduação o diploma de tecnólogo, à semelhança do que já faz, por exemplo, a Universidade Federal do ABC. Com isso, mais do que um Pólo de Engenharia, teríamos um “Centro Integrado de Formação Tecnológica” formando desde o técnico de nível médio até o doutor em engenharia.

Poder sonhar já é uma benção, e melhor ainda é poder trabalhar pelos seus sonhos. Tenho certeza que é isto que emula todos nós.



O Centro de Vivência atualmente em construção

As transformações da EEL



CAMPUS I

- 1 – Centro de vivência: Já está em construção
- 2- Laboratórios Didáticos: também em construção
- 3 – Departamentos e Laboratórios de Pesquisa: Começarão a serem construídos em breve
- 4 – Administração e Núcleo de Informática: Começarão a serem construídos em breve

CAMPUS II

1 – Conjunto de Vivência – Restaurante

2- Laboratórios Didáticos e salas de aula

3 - Departamento e Laboratórios de Pesquisa

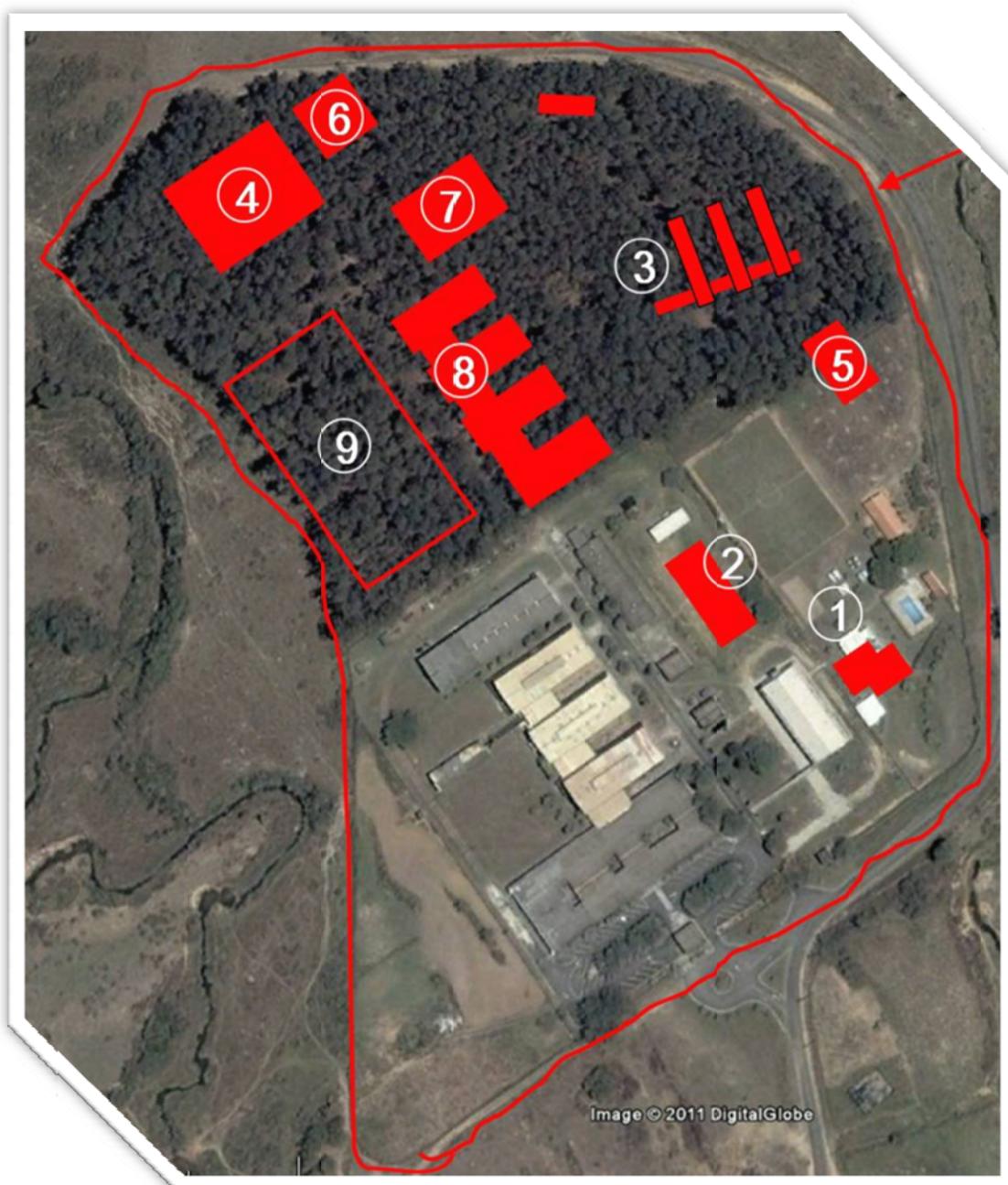
5- Auditório 600 m²

6 – Piscina

7 – Administração

8 – Módulos Galpões Experimentais

9 – Campo de Futebol



A Maçonaria e seus sobrinhos

Ao contrário do que muita gente pensa, a Maçonaria não é uma religião. É uma sociedade discreta que se agrupa em Lojas ou Oficinas. A filosofia maçônica é de erguer, edificar e burilar a moral de seus membros, em busca de princípios de igualdade, liberdade e fraternidade entre os homens. O que importa para o maçom é um homem melhor para uma sociedade melhor. Justiça social, igualdade de classes, aperfeiçoamento intelectual, convivência salutar, combate à ignorância, à tirania e democracia são princípios da Maçonaria.

As Lojas Maçônicas de Lorena, bem como seus membros, periodicamente recebem solicitação de famílias de maçons de diversas localidades para dar assistência a seus filhos em suas necessidades emergenciais quando vêm à cidade. Essa situação é muito comum por ocasião de exames vestibulares ou início de aulas. Nestes casos maçons lorenenses se mobilizam para dar uma atenção especial para seus sobrinhos, como são chamados pelos maçons os filhos de outro maçom.

Existem casos em que estes jovens são buscados na rodoviária e encaminhados para a residência do maçom que lhe presta toda assistência de moradia, alimentação e condução pelo município durante o período do vestibular. Após o término dessa fase “sobrinhos” são encaminhados de volta para o embarque com destino à suas residências de origem.

Há casos em que “sobrinhos” recebem alojamento nas residências dos maçons de Lorena durante certo período. A atuação dos maçons também se dá na procura e na fiança de imóveis de aluguel para aqueles que passarão a

residir no município. Além desse aporte, os maçons procuram apresentar e encaminhar o jovem ao município e lhe prestam toda assistência necessária à adaptação fora de casa. Aos “sobrinhos” que pertencem à Ordem DeMolay (organização maçônica para jovens) lhes são facilitadas a transferência para grupos regionais e o ingresso para aqueles que desejarem.

A assistência prestada se faz sempre que solicitada, não significando que a maçonaria assume o papel de pai ou de tutor dos jovens. Não implica em uma vigilância a todos os atos pessoais dos “sobrinhos”, mesmo porque dificilmente se faz necessário por se tratar de jovens filhos de maçons que normalmente já tem o comportamento moldado, mas em suas necessidades emergenciais.

Isso não acontece só na EEL mas também em outras faculdades de Lorena e região onde existe um bom número de professores e funcionários maçons que se prestam a estarem atentos às necessidades que surgirem na jornada dos “sobrinhos”. Na EEL, cerca

de nove maçons estão habituados a assistir e acompanhar “sobrinhos” pelos anos em que frequentam a escola.

Essa ajuda aos jovens filhos de maçons não é uma exclusividade da Maçonaria lorenense, é uma assistência que as Lojas Maçônicas de qualquer lugar realizam como parte da fraternidade entre os seus membros.

Prof. Dr. A. C. França - EEL-USP

Grau 33

Membro da Academia Maçônica de Artes Ciências e Letras de São Paulo.



Símbolo da maçonaria: O compasso e o esquadro.

Conheça a cidade de Lorena...

AS PALMEIRAS IMPERIAIS NA PAISAGEM URBANA

Francisco Sodero Toledo

“O vento sul que aí está estoucando as roseiras de Campinas, sacode, neste momento, as palmeiras imperiais da minha melancólica Lorena”

Euclides da Cunha
(Carta a Coelho Neto – 10/9/1903)



Os moradores ou aqueles que visitam Lorena poderão se sensibilizar com as marcas históricas nos espaços públicos que apontam para a sua identidade: as palmeiras imperiais. Elas refletem as transformações ocorridas na cidade no final do século XIX e compunham o seu cenário de embelezamento.

“As palmeiras foram plantadas primeiramente na Rua Viscondessa de Castro Lima, em 1884 e, em seguida, no Largo da Matriz, atual Praça Baronesa de Santa Eulália, e no Largo Imperial, atual Praça Arnolfo de Azevedo, transformando os principais espaços públicos lorenenses, entre os quais ainda constavam, além dos dois primeiros, o eixo formado pelas ruas Viscondessa de Castro Lima e Direita, hoje Rua Conselheiro Rodrigues Alves, que unia diretamente o Largo da Matriz ao cemitério municipal e à saída para Guaratinguetá, pela Estrada Geral. A uni-las, a precária ponte do Faustino, em madeira, que em 1889 é substituída por uma ponte metálica que o presidente da província, o lorenense Pedro Vicente de Azevedo, encomenda da Bélgica.”

(D’Elboux, 2008, p.169)

Com o tempo passaram a ser figurantes de um palco para as aparições sociais da elite lorenense. Uma referência aos seus moradores, tanto para a população local como para os visitantes ilustres.



No largo ou praça Imperial, como era denominado no tempo do Império, as palmeiras imperiais foram plantadas em 1884, por iniciativa do Comendador Arlindo Braga, que ocupava a presidência da Câmara municipal naquele momento. Elas foram *“plantadas no perímetro da praça, conformando, com sua área interna, uma espécie de átrio, de modo um pouco diverso do plantio em aléias ou colonatas, consagrado pelas primeiras experiências no Jardim Botânico do Rio de*

Janeiro e utilizado no Largo da Matriz e na Rua da Viscondessa.”(D’Elboux, 2008, 171) Em 1890 foram plantadas mais 50 palmeiras imperiais e outras árvores, tornando-a no grande centro da vida social da cidade.

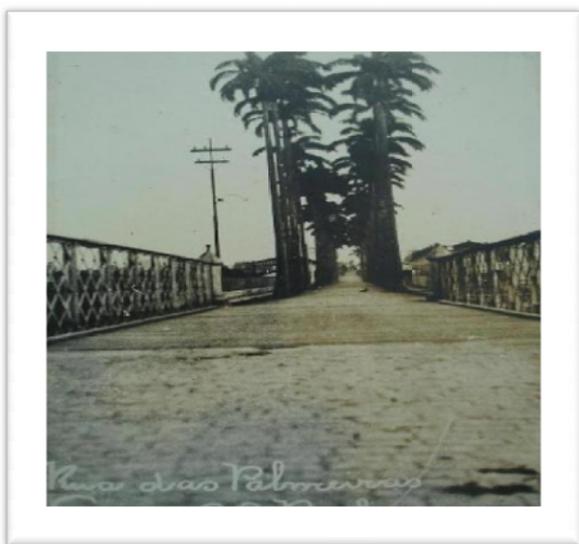
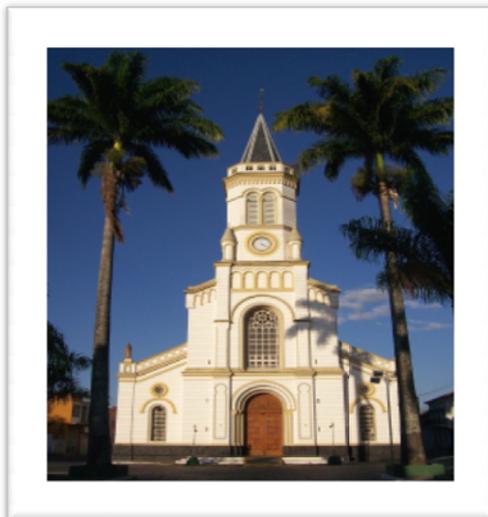
No largo da Matriz “a plantação obedece à disposição “em renque”, seguindo o modelo consagrado na aléia existente no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que tanto impressiona seus visitantes, lembrando também a configuração paisagística do Largo do Machado. O efeito causa grande impacto, pois, observando a matriz de frente, as palmeiras servem-lhe de moldura. Este é o cartão postal de Lorena.” (D’Elboux, 2008, p. 180)

Na rua Viscondessa de Castro Lima, atual Conselheiro Rodrigues Alves, rua que da Matriz dá acesso ao cemitério, as palmeiras foram plantadas após a substituição da ponte velha por uma nova ponte metálica para o ribeirão Taboão, importada da Bélgica. Com a plantação a partir da década de 1890 forma-se uma “impressionante composição paisagística” conseguida pela continuidade visual do alinhamento das ruas, reforçada pela presença da nova ponte e com as palmeiras imperiais plantadas em linha reta.

As palmeiras imperiais, símbolo e testemunhos de uma época de grandeza e ostentação, possível devido ao apogeu da cultura cafeeira, expressavam as mudanças que ocorriam na sociedade local e faziam parte do novo cenário onde se introduzia o neo-clássico francês nas ruas de Lorena. As palmeiras: “guardam o acesso ao porto do Paraíba, o passeio das famílias no Largo Imperial e, solenes, a última viagem em direção ao cemitério”. (D’Elboux, 2008, p. 190)

Assim os visitantes como os moradores da cidade, por todo o século XX, não ficaram imunes à sua monumentalidade. Sua presença marcante está perpetuada na letra do hino de Lorena, quando se canta com toda emoção no seu estribilho:

*Oh! Terra das Palmeiras Imperiais,
Velho berço de Condes e Barões,
Ninguém de ti se esquecerá jamais,
Ao reviver as tuas tradições!*



Fontes:

- D’ELBOUX, Roseli Maria Martins. *Manifestações Neoclássicas no Vale do Paraíba. Lorena e as Palmeiras Imperiais.* São Paulo: Annablume-Fapesp, 2008.
- SODERO TOLEDO, Francisco. *Euclides da Cunha: de obscuro engenheiro a consagrado escritor. Pré-print.*

Fotos:

- Acervo Casa de Cultura de Lorena.